

ESTULIN, Daniel. *A Verdadeira História do Clube Bilderberg*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

Por Márcio Gimene de Oliveira¹

Neste livro, o jornalista canadense Daniel Estulin procura demonstrar a existência de uma rede de sociedades secretas que planeja subjugar as soberanias nacionais através de uma legislação internacional administrada pela ONU. Essa rede seria dirigida pelo mais secreto dos grupos: o Clube Bilderberg. O Clube teria sido criado entre 29 e 31 de maio de 1954, pelo príncipe Bernhard, da Holanda, no Hotel Bilderberg, na cidade de Oosterbeek, Holanda. Desde então, os mais importantes financistas, banqueiros, industriais, donos de meios de comunicação, políticos (*de esquerda e de direita*) e outras personalidades do mundo ocidental estariam se reunindo com as famílias reais européias para traçar os rumos do planeta.

As reuniões do Clube Bilderberg seriam anuais e durariam geralmente quatro dias, em um hotel alugado para este fim. Os participantes seriam convidados pelo Conselho Diretivo do Clube, reunindo normalmente um máximo de 130 delegados, sendo dois terços europeus e o restante dos EUA e Canadá. Para evitar vazamentos, o Conselho Diretivo estabeleceria a data do encontro com quatro meses de antecedência, mas o nome do hotel só seria anunciado aos convidados uma semana antes².

Será mais uma *teoria da conspiração*? É possível. O próprio autor estimula esta percepção ao se apresentar como protagonista de uma perigosa jornada em busca da verdade, além de carregar a obra com fortes adjetivos e conclusões muitas vezes questionáveis. Todavia, em que pese a narrativa às vezes exagerada, o autor tem o mérito de trazer a público (com fotografias e documentação) fatos até então pouco conhecidos sobre as relações de poder e processos decisórios nas arenas globais.

¹ Graduando em Economia pelo Instituto de Economia da UFRJ e mestrando em Geografia pela Universidade de Brasília.

² Informações sobre os locais dos encontros, listas de participantes e os temas debatidos podem ser encontradas em <http://www.bilderberg.org>.

Secretismo

Um primeiro aspecto que merece atenção na obra de Estulin é a ênfase dada ao sigilo dos trabalhos de grupos como a Mesa-Redonda³, o *Royal Institute of International Affairs* (RIIA)⁴, o Conselho de Relações Internacionais⁵, a Comissão Trilateral⁶ e o Clube Bilderberg, que seria o nó dominante desse sistema integrado. Segundo Estulin, o desconhecimento destas sociedades secretas decorre de uma espécie de pacto de silêncio envolvendo os dirigentes dos grandes meios de comunicação. Muito diferente, por exemplo, das reuniões do Fórum Econômico Mundial, realizado anualmente em Davos. Apesar das restrições de acesso e da realização de algumas reuniões fechadas, em Davos, pode-se dizer que há cobertura da imprensa internacional. Já as reuniões do Clube Bilderberg, por exemplo, são marcadas pelo sigilo e discricção. Mais do que curioso, este fato caracteriza, de acordo com Estulin, explícita infração das leis de países como Estados Unidos (Lei Logan) e Canadá, que proíbem funcionários eleitos pelo povo de se reunirem em particular com empresários para debater e planejar a política pública.

Poder Global

Mas, o que afinal tanto se discute no Clube Bilderberg? Esta é a pergunta que move o jornalismo investigativo de Daniel Estulin e pessoas como Jim Tucker, do jornal independente *American Free Press*⁷. Tudo indica que nas reuniões sejam discutidas estratégias visando o

³ Também conhecidos como Távolas Redondas, teriam se estabelecido por volta de 1910 pelo truste do magnata britânico Cecil Rhodes a partir dos exemplos dos Illuminati e da Maçonaria. O primeiro grupo teria sido criado na África do Sul com recursos da ramificação britânica da família Rothschild para treinar líderes em negócios que fossem leais ao Império Britânico (MARRS, Jim. *O Governo Secreto: a história oculta que liga a comissão trilateral, os maçons e as grandes pirâmides*. São Paulo, Madras, 2005).

⁴ Criada oficialmente em 1920 como decorrência da Conferência de Paz de Paris, em 1919, quando britânicos e estadunidenses decidiram criar um Instituto de Relações Internacionais Anglo-Americano, supostamente para prevenir futuras guerras. Sua sede é na Chatham House, na St. James Square, em Londres. Seu site é <http://www.chathamhouse.org.uk>.

⁵ Criado oficialmente em 1921 como braço estadunidense do *Royal Institute of International Affairs* (RIIA). Desde 1945 sua sede é na Harold Pratt House, em Nova York. Um prédio doado pela família Pratt, da Standard Oil, de David Rockefeller. Como reação às especulações sobre suas reais atividades, desde o início da década de 1970 o Conselho de Relações Internacionais tem ampliado seu quadro de filiações e publicado algumas informações a seu respeito. Seu site é <http://www.cfr.org>.

⁶ Criada oficialmente em 1973 como ramificação mais acessível ao público do Conselho das Relações Internacionais. David Rockefeller foi seu primeiro presidente e Zbigniew Brzezinski seu idealizador. Com sedes em Nova York, Paris e Tóquio, a Comissão Trilateral tem como objetivo oficial promover a cooperação entre América do Norte, Europa Ocidental e Japão. Seu site é <http://www.trilateral.org>.

⁷ Seu site é <http://www.americanfreepress.net>.

objetivo maior do Clube Bilderberg: a construção de uma era pós-nacionalista na qual prevaleçam valores globais, uma economia global, um governo global e uma religião global⁸.

Dependendo de sua orientação ideológica o leitor pode se perguntar: e daí? Que mal tem nisso? Esta resenha não se propõe a responder este tipo de pergunta, e sim a contribuir para a reflexão sobre a temática abordada no livro, instigando o leitor a fazer suas próprias investigações e indagações. Mas vai aqui uma preocupação pessoal: por que estes senhores e senhoras tratam com tamanho sigilo a suposta busca do bem comum. Em outras palavras, será que estes senhores e senhoras estão dispostos a compartilhar as benesses dessa era pós-nacionalista com a patuléia? Ou será que o secretismo se faz necessário justamente para afastar dos processos decisórios internacionais aqueles que não se pretende incluir?

Chegamos então a um primeiro ponto controverso da obra de Estulin. Desde a Revolução Francesa o mundo se acostumou a dividir o espectro político entre *esquerda* e *direita*. Para alguns, entre os defensores dos explorados (operariado) e dos exploradores (capitalistas), respectivamente. Nestes termos não faria sentido que líderes políticos internacionais de *esquerda* e de *direita* se reúnam em segredo para debater o futuro do planeta. Contudo, há que se reconhecer que muitos ideólogos de *esquerda* ou de *direita*, advogam a construção de uma era pós-nacionalista. O debate dos meios para se alcançar este fim comum não deixa de ser, portanto, bastante razoável.

⁸ Os aspectos políticos, econômicos e sociais que giram em torno da busca de homogeneização e convergência universal têm sido razoavelmente debatidos publicamente ao longo das últimas décadas, resultando em conclusões diversas sobre suas eventuais conseqüências. Já a busca de uma religião universal continua sendo tratada publicamente como um aspecto secundário, quase que de foro íntimo, como se não fosse um tema relevante para as relações sociais do mundo contemporâneo. Vale dizer que é justamente nas dimensões religiosa e espiritual que residem a motivação maior de criação da maior parte das sociedades ditas secretas. Para entender esse ponto, vale a pena voltar ao ano de 1875, quando a mística russa Helena Petrovna Blavatsky fundou a Sociedade Teosófica em Nova York. Desde então, as sociedades teosóficas se espalharam pelo Oriente, Europa e América, difundindo as filosofias orientais. Sua inspiração congrega filósofos como Platão e Pitágoras – reverenciados pela Maçonaria, pelos Illuminati e pelas Távolas Redondas; as Escolas de Mistério egípcias; e a Cabala. A sociedade de Blavatsky ensinava: a crença em um criador, que era uma unidade subjacente no Universo, incluindo todos os seres humanos; que significados secretos são encontrados em todas as religiões; e que os *Grandes Mestres* ou *Adeptos*, às vezes chamados de *A Grande Fraternidade Branca*, estão dirigindo a evolução da raça humana. Ao formar a ramificação alemã da Sociedade Teosófica, em 1884, Blavatsky apresentou suas crenças em canalização, reencarnação, superioridade racial e visitas intraterrestres – de Agartha e Zion, cidades supostamente situadas no centro da Terra – a pessoas que mais tarde formariam a base teológica do nazismo (MARRS, Jim. *O Governo Secreto: a história oculta que liga a comissão trilateral, os maçons e as grandes pirâmides*. São Paulo: Madras, 2005). A conexão entre as sociedades ditas secretas e a criação de uma religião universal também é ressaltada por William Schnoebelen. Para este autor, sobre o pretexto de congregar pessoas de diferentes religiões, os rituais maçônicos reproduzem práticas ocultistas e satanistas (SCHNOEBELEN, W. *La masonería*. Ontário, Chick Publications, 1997).

O controverso neste raciocínio é se podemos concluir que não há distinção relevante entre *esquerda* e *direita*. Ou então, como faz crer a obra de Daniel Estulin, que vivemos uma grande farsa, um jogo de cartas marcadas, com nítida prevalência das teses *esquerdistas* no cenário internacional. Segundo Estulin e muitos estudiosos do assunto, a Organização das Nações Unidas (ONU) seria o principal expoente formal dessa trama *esquerdista*. Diz-se que na ONU prevalece o socialismo fabiano⁹ na construção de uma ordem mundial única. Corre-se o risco, a partir deste tipo de conclusão, de se reduzir um assunto de tamanha importância a querelas ideológicas e maniqueístas. O importante aqui não é discutir se o que está em jogo é uma dominação da *direita* ou da *esquerda* e sim reconhecer que pode estar em curso a tentativa de construção de uma nova ordem mundial que congrega adeptos aparentemente antagônicos no espectro político internacional, o que confunde sobremaneira a análise dos fatos e de suas eventuais repercussões.

O Papel dos Estados Unidos da América

Um segundo ponto controverso refere-se ao papel dos Estados Unidos da América nesta trama. De acordo com Estulin os EUA seriam ameaçados pela construção desta era pós-nacionalista patrocinada pela ONU. De fato, após a segunda guerra mundial, ganhou força entre os patriotas dos EUA a desconfiança sobre os banqueiros internacionais e todo o sistema que levaria a construção da ONU e demais fóruns multilaterais. Não foram poucas as divergências entre governos estadunidenses e a ONU desde então. Mas, ao seguir esta linha argumentativa, Estulin acaba por superestimar o papel do Clube Bilderberg no longo conflito de interesses entre a população estadunidense e a comunidade internacional. Pode-se dizer que este conflito já estava colocado desde a chegada dos primeiros colonos ao lado de cá do Oceano Atlântico. Perpassou as articulações que levaram à independência das treze colônias e teve seu ápice por volta de 1913, com o conluio de banqueiros que criaria o Federal Reserve (Banco Central dos EUA)¹⁰.

⁹ Tendência do socialismo utópico inspirada em Quintus Fabius, general romano conhecido por retardar as batalhas até o momento oportuno. Os socialistas fabianos propõem a expansão das idéias socialistas através de uma paciente e progressiva instalação entre os círculos intelectuais e de poder. O símbolo do socialismo fabiano é uma tartaruga. Sua mais notável agremiação é a Fabian Society, fundada em 1884 e vinculada ao Partido Trabalhista britânico (ver <http://www.fabian-society.org.uk>).

¹⁰ Jim Marrs narra a polêmica entre Thomas Jefferson e Alexander Hamilton, “Pais Fundadores dos EUA”, sobre a criação de um banco central. Enquanto Hamilton era favorável, Jefferson alertava que os estabelecimentos bancários eram mais perigosos do que os exércitos e que um banco central se tornaria rapidamente o controlador da nação. Assim, após várias tentativas e resistências, em 23 de dezembro de 1913, o Banco Central dos EUA é criado como uma composição de bancos regionais controlados pelo Banco de Nova York. Estes bancos são administrados por grupos nomeados pelo Presidente da República e confirmados pelo Senado. Mas constituem uma organização privada, pertencente aos bancos membros que, por sua vez, pertencem a acionistas privados, com destaque para as

Em suma, não é de hoje que a população estadunidense encontra-se alijada dos processos decisórios que pautam seu futuro. Neste sentido, não é de causar espanto a extensa lista apresentada por Estulin com Presidentes da República, Diretores da CIA, Secretários do Tesouro, Secretários de Defesa, membros da Suprema Corte e de outros cargos de alto escalão, civis e militares, dos três poderes da república, ocupados por ilustres participantes do Clube Bilderberg e de outras sociedades ditas secretas. Justamente aqui reside a controvérsia para a qual chamamos a atenção. Como podemos considerar os EUA ameaçados pelo Clube Bilderberg se toda sua história e glória encontram-se intrinsecamente ligadas à ascensão das sociedades ditas secretas da era moderna? Como podemos afirmar que a “nova ordem mundial” representada pela ONU seja uma ameaça aos EUA se ela já estava anunciada, em latim, no verso da própria nota de um dólar, acompanhada da pirâmide e *do olho que tudo vê*, ambos símbolos adotados pela maçonaria moderna?

O Papel das Monarquias Européias

Outra controvérsia da obra de Estulin refere-se ao papel desempenhado pelos monarcas europeus. Segundo o autor, todas as famílias reais européias fariam parte do Clube Bilderberg, que seria o controlador das demais organizações. Mas em algumas passagens Estulin sugere que este papel de controle possa ser exercido pela Comissão Trilateral, pelo Conselho de Relações Internacionais, pela Mesa-Redonda ou mesmo pelo *Royal Institute of International Affairs* (RIIA). Este último é apresentado como braço político da Monarquia Britânica, estendendo sua influência sobre os *Institute of International Affairs* do Canadá, Austrália, África do Sul, Índia e Holanda, bem como os *Institute of Pacific Relations* da China, Rússia e Japão.

Não fica claro, todavia, se as monarquias européias, especialmente a britânica, estão mais para protagonistas ou coadjuvantes desta história. Em outras palavras, não fica claro se o autor está alinhado com outros estudiosos do tema que apontam justamente a realeza britânica como a chave deste quebra-cabeça. Esta confusão pode ser explicada pelo aparente desconhecimento do autor quanto à natureza e origem de cada uma destas organizações, pois existe uma seqüência de fatos esclarecedora: a Comissão Trilateral deriva do Conselho de Relações Internacionais, que

famílias Rothschild, Rockefeller, Morgan e Warburg, entre outras. Sintomático é o fato de que o mandato do Presidente da República dos EUA seja de quatro anos, enquanto que o mandato do Presidente do Banco Central dos EUA é de oito anos (MARRS, J. *O Governo Secreto: a história oculta que liga a comissão trilateral, os maçons e as grandes pirâmides*. São Paulo, Madras, 2005).

deriva do *Royal Institute of International Affairs* (RIIA), que, por sua vez, foi criado a partir dos grupos da Mesa-Redonda, em princípio voltados para a defesa dos interesses da monarquia britânica.

Um aspecto merecedor de registro que não consta na obra de Estulin é a participação da monarquia britânica na suposta luta global pela conservação da natureza. Destaque para o Príncipe Philip, Duque de Edimburgo, Presidente Emérito do World Wildlife Fund – WWF após ter presidido esta organização por 16 anos (1981 a 1996) e ter colaborado com a sua fundação. Nesta *luta* o Príncipe Philip foi companheiro do Presidente Fundador do WWF: ninguém menos que o próprio Príncipe Bernhard da Holanda, a quem é atribuída a criação do Clube Bilderberg¹¹.

Embora estas associações sejam extremamente esclarecedoras, seria precipitado afirmar que o rei (ou a rainha) da Inglaterra seja o comandante maior desta rede institucional. Mais plausível seria reconhecer que os atores desta trama representam papéis complementares - sem hierarquia necessária e automática - e sem que o grande público conheça a real extensão das suas atividades políticas. Seria pouco razoável supor um comando único acatado pelos demais sem a devida negociação. O mais provável é que os protagonismos variem com o tempo e as circunstâncias, o que torna a análise do fenômeno mais complexa e menos romântica.

Em algumas passagens do livro, Estulin parece cair na tentação de apontar David Rockefeller como *chefe da quadrilha*. Mas ele próprio abre o caminho para um melhor entendimento ao narrar divergências ocorridas em reuniões do Clube Bilderberg. Como exemplos, vale citar as hostilidades sofridas pelo primeiro-ministro Tony Blair pela sua incapacidade de incluir o Reino Unido na moeda única européia e a polêmica entre Henry Kissinger (ideólogo da política externa estadunidense) e Dominique de Villepin (então Ministro de Relações Internacionais da França) sobre a invasão do Iraque iniciada em 2003.

Microchips e a Sociedade sem Dinheiro em Espécie

As confusões de Estulin até aqui ressaltadas não desqualificam, contudo, o mérito do seu livro de trazer à tona os bastidores das redes internacionais de poder e seus obscuros negócios. Chamam atenção, por exemplo, duas estratégias que estariam na pauta das reuniões do Clube Bilderberg: a disseminação de microchips e a erradicação do dinheiro em espécie. Estulin cita a

¹¹ Ver http://www.panda.org/about_wwf/who_we_are/organization/presidents/index.cfm.

tentativa das lojas Benetton de implantar microchips em suas roupas para rastreá-las desde o ponto de fabricação até o momento de serem vendidas. Após manifestações contrárias de grupos que defendiam o direito à intimidade, a Benetton teria desistido do plano, conforme comunicado à imprensa emitido em 4 de abril de 2003.

Mas outras iniciativas estariam em curso, como o Cartão Inteligente Oyster e os Cartões SmarTrips, pelos quais as companhias de transportes de Londres e Washington, respectivamente, poderão rastrear os movimentos dos passageiros. Medidas como essas representariam, para Estulin, o fim da liberdade e independência que o dinheiro em espécie proporciona. O autor comenta também que a implantação de microchips em animais já está em andamento e que os próximos seriam os presos e as crianças, ambos com razoáveis justificativas para serem vigiados.

De acordo com o autor, o objetivo destas iniciativas seria a construção de uma rede de controle em uma sociedade sem dinheiro em espécie (que permita seguir o rastro de cada uma de suas compras), controlada por um Governo Mundial, vigiada por um Exército das Nações Unidas, regulada economicamente por um Banco Mundial por meio de uma Moeda Única Global, obtendo assim uma Humanidade desorientada com microchips implantados e conectada a um computador global.

Convocação à Ação

O último capítulo do livro de Estulin se inicia com um esclarecimento importante e até surpreendente. Segundo o autor, embora possa parecer que tudo está perdido, nada estaria mais distante da realidade do que este temor. Isso porque o movimento em oposição a este projeto globalizante estaria mais forte a cada dia. Estulin aponta como indicativo desta oposição a proliferação de sites na internet que podem ser encontrados através de palavras como: *echelon*, *promis*, *bilderberg*, *mk-ultra*, *haarp*, *new word order* e *one world government*¹². O autor afirma que está cada vez mais difícil convencer o mundo a entregar sua liberdade por meios pacíficos, porque a cada dia mais pessoas se dão conta da ameaça que o Governo Mundial representa. Alerta que se os membros do Clube Bilderberg não podem alcançar o Governo Mundial por meios pacíficos, então lutarão para obtê-lo com a força. Para tanto, terão que enfrentar as milícias que reúnem atualmente milhões de homens e mulheres dispostos a morrer para defender a liberdade.

¹² Embora a internet seja também campo fértil para boatos e desinformações.

Pegando o gancho de Estulin, esta resenha também se encerra com uma convocação à ação. Um convite ao leitor para que não caia no equívoco de tratar o tema deste livro como roteiro cinematográfico ou, no outro extremo, se deixar imobilizar pelo pessimismo e fatalismo que o próprio autor refuta com veemência. Uma característica notável do ser humano é a capacidade de construir seu próprio futuro. E muitas vezes a criatividade empregada nesta construção chega a ser surpreendente. Paradoxalmente, na sociedade do conhecimento e da informação, são mais restritas as chances de grupos estabelecidos pelo segredo se perpetuarem no poder. Podemos dizer que o *segredo* do segredo deixa de ser a ocultação do fato e passa a ser a proliferação de versões contraditórias.

Transformar o excesso de dados e estímulos em informação e conhecimento crítico não é tarefa das mais fáceis. Tampouco o é passar da reflexão para a ação, intervindo na complexa realidade contemporânea. Mas não é através da cooperação que os seres humanos constroem sua sociabilidade e superam as adversidades? Cooperemos então na disseminação de assuntos até o momento tratados com desnecessário sigilo e construamos massa crítica mobilizadora para a edificação de um mundo com maior equidade e prosperidade, sem que isso represente, contudo, castração das diversidades culturais e liberdades individuais.